

Reflexões sobre ética na relação design-artesanato

Thaís Falabella Ricaldoni ^a✉, Luciana Machado Coelho Silva ^b, Edson José Carpintero Rezende ^c

^{a b c} Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 7545 - São Luiz - Belo Horizonte / MG, 31270-010

^a thaïsfalabella@gmail.com, ^b lucianamachadocs@gmail.com, ^c edson.carpintero@gmail.com

No Brasil há um fenômeno de valorização do artesanato e uma proliferação de projetos que relacionam design-artesanato. Nesse contexto, a atuação do designer em comunidades artesãs pode ser problemática. Assim, o objetivo deste artigo é relatar as dificuldades dessa relação e também levantar diretrizes éticas para o designer, tornando essa relação menos nociva. Para tal, foi feita uma revisão da literatura do tipo narrativa, selecionando de forma não estruturada autores do campo do design que abordassem sobre a relação design-artesanato, autores que discorreram sobre os princípios da ética do cuidado e ética social, além de ter sido feita uma análise de códigos de conduta da área do design para refletir sobre essa relação. Observa-se que para que a relação entre o design e o artesanato seja ética e efetiva, ela deve ser baseada no respeito, participação e cultura local, buscando a emancipação do artesão, além de ter resultados sustentáveis.

Palavras-chave: Design. Artesanato. Ética.

Ethics reflection in the relationship between design and craftsmanship

In Brazil, there is a valorization of craftsmanship and a propagation of projects that relate design and craftsmanship. In this context, the designer interaction in an artisan community can be problematic. Therefore, the aim of this article is to report the intricacy of this relationship, as well as to raise ethical guidelines so the relationship can be less harmful. For such, a narrative review of the literature was done, selecting in a non-structured way authors in the design field that deal with the relationship between design and craftsmanship, authors that discussed the elements of care ethics and social ethics besides having analysing the codes of conduct of the design to reflect on this relationship. It is noticed that the relationship between design and craftsmanship to be ethical and effective must be based on respect, collaboration and focused on local culture, seeking the emancipation of the craftsman, in addition to having sustainable results.

Keywords: Design. Craftsmanship. Ethics.

1. Introdução

A relação próxima entre design e artesanato existe desde a antiguidade. Segundo Lima e Oliveira (2016), essas duas atividades associam o saber e o fazer de forma distinta. O artesanato é uma atividade produtiva na qual os artesãos têm o completo domínio do ofício, conhecendo todo o processo de produção, sendo dono dos meios de fabricação e do produto final (Sandroni, 1999). Segundo Santana (2012), o simbolismo do artesanato é mais importante do que a própria funcionalidade dos produtos, pois cada peça produzida artesanalmente passa a ser uma representação de uma tradição e da cultura de uma região. Lima e Oliveira (2016) alertam que o artesanato ultrapassa os limites econômicos, existindo toda uma relação social em rede por trás desses objetos.

Por outro lado, o *Word Design Organization* (2017) aponta “o design industrial como um processo estratégico de solução de problemas que impulsiona a inovação, desenvolve o sucesso comercial e conduz a uma melhor qualidade de vida através de produtos, sistemas, serviços e experiências inovadoras”. Krucken (2009) aborda o benefício do design se aproximar de artesãos, servindo como ferramenta para planejar ações que valorizem tanto o capital territorial quanto o social, de forma duradoura e sustentável. Assim, o design poderia ser a matriz da construção de estratégias de reconhecimento e valorização do artesanato e da cultura local.

Segundo França (2005), o fenômeno de revalorização e revitalização do artesanato contribuiu para o resgate das tradições culturais e para a retomada da confiança na capacidade de criação dos artesãos brasileiros. A atuação do design junto ao artesanato ocorre a partir do surgimento de políticas públicas e parcerias entre artesãos e agentes externos para fomentar a atividade artesanal e agregar valor ao produto (Romeiro, 2013). Todavia, Prestes e Figueiredo (2011) alertam sobre a complexidade dessa relação que envolve outros fatores além da produção em si.

Diante disso, o objetivo deste artigo é relatar as problemáticas vividas na relação entre o design e o artesanato, como também levantar as diretrizes éticas para postura do designer que tornem essa relação menos nociva. Percebe-se a existência de problemáticas nessa relação por meio da revisão narrativa da literatura e análise de autores como França (2005); Eguchi e Pinheiro (2008); Krucken (2009), Carli *et al.* (2011), Lima e Oliveira (2016), que pesquisaram a atuação do design em comunidades artesãs e a relação design-artisanato, com foco na perspectiva do design. Assim, o artigo constrói um diálogo entre autores, selecionados de maneira não estruturada, que vêm estudando essa relação delicada que existe entre as duas atividades e que propõem caminhos para que a atuação do design em comunidades artesãs seja mais positiva.

Inicialmente, no subtítulo 2, o artigo faz uma contextualização sintética para situar o leitor sobre a área do design, a do artesanato e suas relações. Em seguida, no subtítulo 3, são levantadas as problemáticas da relação design-artisanato com base em relatos encontrados em publicações acadêmicas e críticas dos autores referenciados. Já no subtítulo 4, são apresentadas abordagens éticas consideradas relevantes pelos autores para a análise da relação design-artisanato, a ética do cuidado, de Leonardo Boff, e a ética social. Por fim, no subtítulo 5, são apresentadas diretrizes éticas presentes no design que podem ser valiosas para a relação design-artisanato. Este subtítulo faz uma análise crítica do que é abordado pelos os códigos de conduta da profissão de designer, que ajudam a sinalizar o que é pensado sobre ética nas regulamentações oficiais da área, e apresenta as diretrizes apontada pelos autores referenciados para que a relação entre o design e o artesanato seja positiva e sustentável.

2. Contextualização da relação entre design-artisanato

A relação entre o design e o artesanato é antiga. Segundo Eguchi e Pinheiro (2008), a origem do design parte de três perspectivas distintas. A primeira, considera o design como uma evolução da atividade artesanal, já que essa, às vésperas da Revolução Industrial se organizava e contava com projeto e divisão do trabalho. A segunda perspectiva, pouco disseminada, aponta que não há diferença relevante entre o design e o artesanato. E por fim, a visão mais aceita, afirma que o design só existe após a Revolução Industrial. Lima e Oliveira (2016) reforçam a ideia de que, a partir da industrialização e da modernização, o artesanato enfrentou dificuldades, sendo deixado de lado para a ascensão dos produtos industrializados. No Brasil não foi diferente, o artesanato, inclusive, chegou a ter seus momentos de rejeição (Santana, 2012).

Santana (2012) aponta que o design, desde seu surgimento, traçou um caminho divergente ao do artesanato, sendo responsável por separar o trabalho intelectual do trabalho mecânico. Segundo Lima e Oliveira (2016, p. 5170), “tanto o artesanato como o design são atividades que relacionam o saber e o fazer. A diferença reside em como essas atividades são vistas e aplicadas nessas práticas.” Para o designer, o saber é organizado através de métodos, técnicas e processos criativos. Para o artesão, o saber é transmitido de geração em geração, sendo uma forma mais livre de aprendizado. Já o fazer é essencial para o trabalho manual do artesão, que expressa nele todo o seu conhecimento cultural e criatividade. Para o designer o domínio do fazer nem sempre acontece. O designer projeta pensando nos processos, técnicas de produção e materiais para que a execução seja feita por outra pessoa. Eguchi e Pinheiro (2008) apontam que a relação saber-fazer existente nas duas atividades pode ser observada na raiz etimológica da palavra design, *designáre*, significa marcar, indicar ou simplesmente

designar. A partir disso, poderia dizer que o artesão “designa” uma maneira de trabalhar para realizar seu produto, da mesma forma que o designer o faz em seu projeto.

Lima e Oliveira (2016) relatam que o resgate de saberes populares e o turismo tiveram sua importância para essa valorização do artesanato. De acordo com Santana (2012), em 1980 acadêmicos, técnicos e gestores começaram a discutir mais intensamente o artesanato. Na mesma época o interesse de designers de revitalizar o artesanato se manifestou em iniciativas de aproximação com o ofício. No geral, os programas que foram criados tinham como objetivo promover o comércio dos produtos artesanais por meio de feiras e eventos, mapear o setor, capacitar os artesãos, estruturar núcleos de produção, entre outros.

De acordo com Santana (2012) na década de 1990 surgiram as primeiras políticas públicas para o artesanato: em 1995, o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), em 1998 o Programa SEBRAE de Artesanato e o Programa Artesanato Solidário (ArteSol). Além das políticas públicas, um número cada vez maior de universidades também passou a realizar projetos unindo design e artesanato. São exemplos: o 'Programa Minas Raízes – Artesanato, Cultura e Design Social', da Universidade do Estado de Minas Gerais e o Núcleo de Abordagem Sistêmica do Design (NASDESIGN), da Universidade Federal de Santa Catarina, que trabalha junto a comunidades de artesãos.

Segundo Freitas (2017), o processo produtivo artesanal vem passando por reestruturações, desde a fase inicial de produção até a comercialização, que fazem com que novos atores se aproximem desse universo. Um dos desafios do designer atuar nesse contexto é a capacidade de redescobrir o ofício artesanal, sem prejudicar sua identidade cultural, além de orientar o processo produtivo para torná-lo apropriado ao mercado (França, 2005). França (2005) acredita ainda que dar valor a atividade artesanal pode gerar inúmeros impactos positivos. Incentivar o empreendedorismo e a formação de associações entre os artesãos contribui para a inserção do artesanato na economia solidária, que tem como aspectos: a inclusão, a autogestão, a igualdade entre os membros, a repartição dos ganhos, entre outros aspectos favoráveis ao artesão.

Krucken (2009), aponta que a complexidade e a incerteza existentes no mundo contemporâneo, levam a uma crescente transversalidade no campo do design. Diante disso, é desejável que a relação design-artesanato se dê em uma perspectiva transdisciplinar e sistêmica. Lima e Oliveira (2016) reforçam que em uma relação inter ou transdisciplinar respeitar os saberes de cada profissional é fundamental.

Nesse sentido, muitos programas voltados para o fomento do artesanato sugerem a criação de parcerias entre as comunidades de artesãos e os agentes externos, para que estes encontrem soluções para aumentar o alcance dos produtos, melhorar as

habilidades comerciais dos artesãos e, assim, agregar valor ao artesanato (ROMEIRO, 2013).

Segundo Manzini (2008) as intervenções em comunidades podem ser: (a) Bottom-up: pela participação ativa das pessoas interessadas; (b) Top-down: pela intervenção de instituições externas; (c) Peer-to-peer: pela troca de informações entre organizações e similares. Fazendo um paralelo com a relação design-artesanato, em uma interação *Bottom-up* o artesão com seu “saber-fazer” e modo de pensar diferente gera interferência nos agentes externos contribuindo para a criação do conhecimento. Já em uma interação *Top-down* acontece o contrário, as instituições externas que intervêm nas comunidades de artesãos. Observa-se que a interação *Top-down* é a mais comum nas políticas públicas para o artesanato. Por último, em uma interação *Peer-to-peer*, o artesão e o designer se encontram em uma situação de igualdade e tem uma interação mais direta (Prestes e Figueiredo, 2011).

É recorrente a atuação do designer ou de instituições externas em comunidades de artesãos para fomentar o artesanato e ampliar seu acesso ao mercado. Segundo Santana (2012), essas intervenções pretendem não apenas aumentar a renda do artesão, como também tornar seu trabalho reconhecido e valorizado.

3. Levantamento de problemáticas na relação design-artesanato

3.1. Detenção do conhecimento, hierarquia e dependência na relação design-artesanato

Considerando o pressuposto de que o ensino do design forma profissionais focados em projetos para o mercado amplo e globalizado e que os artesãos são especialistas em produção local, pode-se questionar a validade da associação entre designers e artesãos. O que leva a reflexão, “não estaria o artesão mais apto a realizar uma produção local do que o designer?” (Eguchi e Pinheiro, 2008, p. 4). Esse questionamento coloca em dúvida o objetivo e a própria efetividade deste tipo de relação, que já é amplamente incentivada como supracitado.

Para Carli *et al.* (2011) o objetivo da atuação do design é exatamente atualizar o artesanato, que por ser uma manifestação tradicional carece de renovação e alinhamento às tendências. Entretanto outras linhas de pensamento defendem que um dos grandes valores do artesanato é a tradição e que ela não deve ser perdida. Um exemplo nesse sentido é o programa ArteSol, focado na tradição e em sua valorização, que não incentiva a atuação do designer em comunidades de artesãos (Santana, 2012).

Além das divergências sobre a legitimidade da atuação de designers em comunidades de artesãos, nota-se que um ponto comum entre os seus diversos modelos

é a presença de capacitações. Rios (2010) descreve como a metodologia do projeto de atuação em uma comunidade de artesãos contemplou um longo processo de qualificação. Dantas, Guimarães e Almeida (2009) destacam que a principal necessidade identificada no grupo de artesãos foi a de capacitação, já Carli *et al.* (2011) identificou que os artesãos consideraram de extrema importância as aulas teóricas.

Embora as capacitações sejam interessantes para ampliar o conhecimento e repertório dos artesãos, elas costumam disseminar a ideia de que na relação design-artisanato o designer é o detentor do conhecimento intelectual e técnico, que deve ajudar ou qualificar os artesãos, como se estes fossem leigos e não possuíssem conhecimento suficiente para desenvolver um produto (Romeiro, 2013). Se o designer se considerar o especialista e o artesão o leigo, há uma hierarquia e é estabelecido um processo no qual os que detêm conhecimento (designers) colonizam os que pouco sabem (artesãos) (Lima e Oliveira, 2016).

A relação hierárquica se manterá caso a interferência do designer não valorizar as potencialidades do artesão e não respeitar suas fragilidades e dificuldades. Dessa forma, os designers, como superiores, acabam realizando trabalhos de acordo com os seus interesses, e os artesãos, inferiores, acatando esses direcionamentos. Neste cenário há risco de imposição cultural, inserção de materiais externos à região e alienação da tradição, gerando produtos rasos e caricatos com os quais os próprios artesãos não se identificam (Lima e Oliveira, 2016).

Outro ponto crítico é quando a atuação de designers em comunidades artesãs se dá pela determinação de instituições externas, como programas governamentais, estabelecendo uma relação *Top-down*. A imposição dessa relação sem o diálogo com os artesãos dificulta a criação de um espaço de colaboração, podendo gerar projetos que violem a tradição. Além disso, a falta de continuidade dos programas governamentais os tornam menos efetivos (Romeiro, 2013).

Dantas, Guimarães e Almeida (2009) também apontam que esse tipo de atuação pode ocasionar uma dependência dos designers e demais profissionais participantes. Essa dependência compreende o projeto do artesanato, o planejamento, a aquisição de materiais, sua produção e comercialização. Para Romeiro (2013) os artesãos conquistam sua autonomia, não dependendo dos designers, quando o desenvolvimento do projeto vai além da perspectiva econômica, incluindo aspectos sociais, ambientais e culturais, mantendo o artesão como criador de soluções adaptadas à sua realidade local.

3.2. Conflito no trabalho em grupo e questão comercial/financeira na relação design-artisanato

Acrescenta-se que a relação design-artisanato se estabelece, na maioria das vezes, em trabalhos de grupo. Assim, o artesão, que tipicamente trabalha sozinho, tem o desafio de

exercitar sua capacidade de cooperação e coletividade. Apesar da experiência do trabalho em equipe trazer vantagens, como a troca de conhecimento e o estabelecimento de parcerias, são relatados conflitos internos durante os projetos que provocam, inclusive, a evasão de alguns participantes. De modo geral, nota-se a dificuldade e o despreparo dos artesãos para o trabalho em grupo (Carli, *et al.*, 2011; Dantas, Guimarães e Almeida, 2009).

Mais um ponto problemático a ser considerado neste tipo de projeto é a distribuição da receita gerada. Ela pode causar conflitos internos em um grupo de artesãos, que acostumados a gerir sozinhos seus ganhos, têm que estabelecer critérios para repartir o faturamento (Dantas, Guimarães e Almeida, 2009). Além disso, deve-se considerar que esses projetos estão interferindo no meio de geração de renda dos artesãos, por isso há uma grande responsabilidade envolvida. A expectativa de aumento da renda dos artesãos cria um alto risco de frustração. Nesse sentido não é raro encontrar artesãos com resistência em participar desses projetos, afirmando que 'promessa não enche barriga' (Santana, 2012).

No caso do artesão enquanto fornecedor de produtos, essa discussão se torna ainda mais polêmica. Em uma relação de mercado, o artesão é o elo mais frágil na maior parte dos casos, existindo riscos em negociações que tenham benefício unilateral. Nessas, há exploração da sua mão de obra para geração de lucro a outrem. No caso de empresas estrangeiras, que compram de empreendimentos artesanais no Brasil, há também o problema das demandas baseadas em tendências externas. Neste contexto, é usual competir aos artesãos apenas a fabricação dos produtos, sendo os atributos que definem o artefato impostos a eles. Como consequência disso, não é possível identificar a região que esses produtos foram desenvolvidos, quanto mais perceber a identidade do artesão. Toda a tradição, cultura e identidade de uma região e grupos de artesãos se perdem em benefício da vendabilidade e demandas do mercado (Santana, 2012).

Além disso, à medida que a demanda por produtos artesanais aumenta, as condições de trabalho e processo de produção se tornam mais precárias. Os artesãos que não são acostumados com um ritmo de produção acelerada precisam mudar a forma de trabalho para atender a essa demanda. O ritmo intenso e o grande volume podem causar efeitos significativos na saúde do artesão, sem necessariamente estar aumentando sua geração de renda (Romeiro, 2013).

4. Abordagens éticas relevantes para análise da relação design-artisanato

4.1. Ética do cuidado

A atuação do designer em comunidades de artesãos deve ser traçada primeiramente a partir do respeito pelo outro. A ética do cuidado refere-se a responsabilidade das

pessoas em respeitar a natureza e a dignidade humana, partindo do princípio da “preocupação por” ou do “cuidado com” alguém (Perdigão, 2003). A prática profissional do design e a relação com as comunidades produtivas artesanais precisam percorrer esse caminho. Lima e Oliveira (2016) trazem uma abordagem sobre a necessidade e importância do diálogo entre o design e o artesanato para valorizar uma cultura que há pouco tempo estava ignorada. Contudo, essa valorização tem que respeitar as características culturais e tradicionais da região para não instituir referências de um design externo. Boff (1999, p. 6) fala que “uma maneira mais cuidada de ser” acontece quando a manifestação das diferenças em uma relação é vista como uma riqueza da diversidade humana. Os saberes populares são virtudes que revelam a cultura de um local.

De acordo com Boff (1999), dar importância ao cuidado não significa abster-se de interceder nas relações. A forma como intervir é que precisa ser observada. Compreender o cuidado é recusar qualquer forma de dominação nas relações, é evitar o sofrimento, é impor limites à obsessão pela eficácia a qualquer custo. Mesmo o designer enxergando todas as “situações problemas” dentro da comunidade de artesãos não significa que ele tem autonomia para fazer as mudanças necessárias. Embora a atuação do designer seja percebida como uma prática para solucionar problemas, principalmente na questão da geração de renda, existe uma distinção entre estar perto do artesão e ser próximo a ele. No segundo, o mais importante é o respeito à liberdade, à dignidade e à diferença com o outro. A relação deve ter a intenção de colaborar e ajudar o artesão, tendo assim um caráter moral na relação entre design e artesanato. É preciso antes “entender” a comunidade para poder atuar de forma colaborativa e não hierárquica (Perdigão, 2003).

Para Perdigão (2003), a ética do cuidado, vista como uma finalidade de conduta do designer, é fundamental para guiar a relação design-artisanato. Instigar os atores envolvidos nessa relação, com a pergunta “o que se pretende, no fundo, alcançar?” é primordial para refletirem sobre essa interação. Ter como resposta o fortalecimento do artesão, o reconhecimento, o acolhimento do outro em sua liberdade, dignidade e diferenças, bem como o respeito pelas suas fragilidades e valorização das suas potencialidades demonstram o caminho ético da intervenção e o cuidado para com o outro. Manzini (2008) corrobora com essa afirmação dizendo que o designer pode fazer parte dessa solução a partir do momento que promove a qualidade no mundo diante de sua missão ética.

4.2. Ética social

Enquanto a abordagem tradicional da ética tem um foco no indivíduo, em suas ações e consequências, a ética social é um método para analisar as questões éticas presentes

na organização social para a tomada de decisão (Devon e Poel, 2004). Lynch e Kline (2000) corroboram com a ideia de que as profissões não podem pautar sua conduta ética na moral individual, sendo importante haver uma organização coletiva para a elaboração de respostas éticas a dilemas morais.

O design, principalmente em uma abordagem de trabalho participativo, como é o caso da relação design-artesanato, pode ser analisado enquanto um processo coletivo, interdisciplinar, repleto de tomadas de decisões, portanto, passível de análise pela ótica da ética social. Um dos conceitos abordados pela ética social relevante para projetos é a composição das equipes, incluindo o máximo de *stakeholders* e usuários para minimizar os riscos das decisões, e a divisão clara de tarefas entre os membros para a responsabilização ética (Devon e Poel, 2004). Nesse sentido Dantas, Guimarães e Almeida (2009) apontam que para trazer um caráter mais democrático e descentralizado nas tomadas de decisões deve-se aplicar o design participativo, principalmente na atuação do designer em comunidades artesãs.

Além disso, a teoria da ética social foca na questão da responsabilidade dentro de projetos coletivos. Saliencia-se que há dois tipos de responsabilidade: a ativa, quando as pessoas se sentem de antemão responsáveis por algo; e a passiva, quando a responsabilidade só é percebida depois que algo indesejado ocorre. Em relação à responsabilidade é preciso considerar que no processo de design algumas escolhas são feitas explicitamente e outras de modo implícito. A maioria dos problemas morais relacionados ao design são derivados de decisões tomadas de modo implícito, ao invés de frutos de uma intencionalidade explícita (Devon e Poel, 2004).

Dessa forma, durante um processo de design é preciso entender quais riscos existem, quais são aceitáveis, qual a corrigibilidade e flexibilidade das decisões e minimizar escolhas relevantes feitas de modo implícito. Conscientizar o profissional da existência dos riscos e possibilidade de falha é essencial para antecipação de erros. Assim, arranjos sociais têm que ser pensados para criar um ambiente ético no qual a moral seja melhor exercitada dentro dos projetos (Devon e Poel, 2004; Lynch e Kline, 2000).

5. Diretrizes éticas no design

Segundo Neves (2008), os Códigos de Conduta ou Códigos de Ética surgiram na antiguidade, antes da era cristã. A sociedade concebia tais documentos para guiar o relacionamento dos sujeitos com a coletividade. Na atualidade, esse tipo de código estabelece regras que orientam a conduta de grupos da sociedade com princípios comuns, podendo ser aplicado a classes profissionais, empresas, instituições, entre outros.

É importante salientar que ao contrário de outras profissões, como arquitetura e medicina, apenas o design de interiores possui regulamentação do seu exercício profissional, sancionada em 2016; as demais áreas do design não. Inclusive o projeto de lei que se propunha a criar uma regulamentação para o exercício da profissão de designer foi vetado em 2015. Mesmo não existindo consenso na comunidade sobre os benefícios da regulamentação, sua falta deixa designers inseguros em relação à sua trajetória profissional, direitos e deveres (Gomes, Medeiros e Brod Júnior, 2016).

Sem regulamentação oficial, a principal referência de diretrizes de conduta ética para os designers acabam sendo os códigos das associações. Salienta-se que regulamentações oficiais e códigos de ética podem não refletir a prática ética real de determinada área, sendo inclusive pouco valorizados. Entretanto para este estudo considera-se os códigos das associações como referências válidas, capazes de sinalizar, ao menos em parte, o que é pensado sobre ética em determinada área.

Analisando os códigos da ABD Brasil - Associação Brasileira dos Designers de Interiores (2016), ADG Brasil - Associação dos Designers Gráficos, e ADP Brasil - Associação dos Designers de Produto (2004), nota-se que, de maneira geral, eles não se aprofundam nas problemáticas éticas existentes na atividade do design.

Mesmo assim, ressalta-se a preocupação social da atividade do design, destacada pela ABD Brasil (2016) em seu artigo 2; o papel da atividade do design para a valorização da cultura local brasileira, apresentada pela ADP Brasil (2004) no artigo 9 e a responsabilidade dos designers de contribuir para a emancipação do país, enfatizada pela ADG no artigo 5. Além disso, é importante ressaltar que a ADP Brasil (2004) no artigo 7 reconhece que o designer pode ter outras atividades, além de projetista, enquanto consultor, perito ou árbitro.

5.1. Levantamento de diretrizes para a relação design-artisanato

Partindo das referências teóricas e práticas analisadas é possível fazer um levantamento de diretrizes para a construção de uma boa relação design-artisanato. Primeiramente essa deve ser uma relação *Peer-to-peer*, estabelecendo um processo cocriativo, no qual designers e artesãos estão em patamar de igualdade (Prestes e Figueiredo, 2011). Desse modo, essa relação não comporta imposições, sendo imprescindível manter o respeito mútuo (Carli, et al., 2011).

Para que isso realmente ocorra, os participantes devem abandonar o *status* individual e sua vaidade, em prol da construção de uma inteligência coletiva, que é ainda maior que a soma das potencialidades individuais (Dantas, Guimarães e Almeida, 2009). Dessa forma, para uma relação construtiva, os designers precisam reconhecer suas limitações e entender que seu conhecimento não é melhor do que o conhecimento do artesão. O desafio está em lidar com o conhecimento tácito dos artesãos, que não é

melhor nem pior que o conhecimento formal do designer, apenas diferente (Romeiro, 2013).

Neste contexto, é primordial que o objetivo dessas ações seja emancipar o artesão (Lima e Oliveira, 2016; Santana, 2012). No processo colaborativo, a função do designer é ensinar princípios básicos de metodologia para o artesão, de forma que ele consiga solucionar seus próprios problemas (Romeiro, 2013). Nesse sentido, a descentralização nas tomadas de decisão é uma forma de toda a comunidade envolvida participar ativamente do projeto, reforçando a autoestima dos artesãos e promovendo a cidadania (França, 2005).

Nesta perspectiva, para que a relação design-artesanato valorize o artesão independente e autônomo, ela deve perpassar por uma ação pedagógica (Romeiro, 2013). Assim, para essa atuação específica, o designer deve desenvolver seu lado educador, de forma a deixar um legado de aprendizagem e novos hábitos aos artesãos. De fato, é essencial para os designers que desejam trabalhar com comunidades artesãs o conhecimento da andragogia, ou seja, da área que se debruça sobre técnicas de educação centradas no ensino de adultos (Prestes e Figueiredo, 2011).

É importante que a relação design-artesanato foque na sustentabilidade, de forma que o projeto gere simultaneamente retorno financeiro para os artesãos (sustentabilidade econômica), não tenha efeito negativo no meio ambiente (sustentabilidade ambiental), e assegure o bem-estar dos artesãos (sustentabilidade social) (Romeiro, 2013). Para tal, é importante que o projeto se paute em uma visão sistêmica, que articule os saberes locais e globais (Santana, 2012). Essa atuação deve ter também como objetivo a promoção de mudanças não só no produto, artesanato, como também na estrutura de produção e disseminação do conhecimento da tradição do grupo (Romeiro, 2013). De toda forma, tudo que for criado nessa parceria deve ser feito para a realidade local, se embasando nas matérias-primas e nas referências culturais da região, buscando resultados além do aumento da produtividade e do lucro, mas que atinjam o ecossistema local (Santana, 2012).

Para conseguir realizar projetos que atendam todos esses requisitos é essencial que o designer tenha habilidade de estabelecer relações transversais com outras áreas do conhecimento e outros atores (Krucken e Moraes, 2008). Por exemplo, Carli *et al.* (2011) indicam a participação de psicólogos e assistentes sociais nos projetos, de modo a acompanhar os artesãos em sua individualidade.

Ao finalizar uma atuação do designer em comunidades de artesãos é muito importante que haja um acompanhamento e análise dos resultados obtidos. Avaliar as mudanças geradas nos envolvidos, na aceitação do artesanato no mercado e na visão

do artesanato, ajudaria a compreender qual é o real legado dessa relação entre design-artisanato e sua melhoria contínua dos projetos (Lima e Oliveira, 2016).

6. Conclusões

A revisão narrativa da literatura mostrou como as áreas do design e do artesanato estão conectadas, pela construção histórica e pelo conceito das atividades, assim como, pelos projetos de atuação de designers em comunidades artesãs. Esses projetos, cada vez mais comuns no Brasil, têm sido fomentados por órgãos governamentais e universidades. Entretanto, esta é uma prática repleta de problemáticas que são destacadas em experiências empíricas e reflexões críticas. As principais problemáticas encontradas na relação design-artisanato nesta pesquisa foram: o designer se posicionar como detentor do conhecimento, o estabelecimento de uma relação hierárquica e de dependência, conflitos no trabalho em grupo e a questão comercial/financeira.

Considera-se importante para a criação de projetos que proponham uma relação frutífera entre design-artisanato compreender as problemáticas que podem surgir, as boas práticas e as diretrizes éticas. Todavia, os códigos de conduta das associações de design, uma possível referência para essa atuação, dispõem principalmente sobre o designer enquanto prestador de serviços projetuais de forma que esses códigos não englobam as inúmeras atividades que o design tem assumido na contemporaneidade, como os projetos de atuação de designers em comunidades artesãs. Assim, é possível questionar: quais referências éticas estão sendo consideradas nesta relação design-artisanato?

Observa-se que correntes éticas como a ética do cuidado e a ética social podem colaborar para aprofundar as discussões a respeito da conduta do designer, principalmente em projetos que relacionem design-artisanato. De maneira geral, a forma mais próxima de uma conduta ética que o designer pode assumir na relação entre o design e o artesanato é o respeito pela diversidade de todos os atores envolvidos, trabalhando de forma coletiva, definindo responsabilidades e compreendendo a interação de forma sistêmica. Assim, existe a possibilidade da relação ser sustentável em todos os seus aspectos: ambiental, social e econômico.

Destaca-se que a partir do referencial teórico consultado para elaboração do presente artigo foi possível levantar algumas diretrizes para a relação design-artisanato. Ressalta-se que esses projetos devem focar nos materiais, na cultura e nos valores locais, assim como buscar a emancipação, protagonismo e o bem-estar do artesão. É desejável que os projetos sejam multidisciplinares e transparentes na sua comunicação com os artesãos. Para o desenvolvimento do trabalho, é importante realizar um

diagnóstico prévio daquela comunidade e ao final fazer uma avaliação dos resultados, se possível construindo um trabalho com continuidade. O designer precisa se preparar para atuar nesse contexto, se capacitando para as trocas com os artesãos. Acrescenta-se que o papel do design nessa relação pode se expandir para além da melhoria de resultados comerciais do artesanato, atuando, por exemplo, na conscientização do consumidor, na transmissão dos valores locais e tradicionais dos produtos e na documentação da produção artesanal, a fim de colaborar para a perpetuação dos saberes.

Observa-se que o presente artigo atingiu seus objetivos de apontar problemáticas da relação design-artisanato e levantar diretrizes éticas para a postura do designer nessa relação. Entretanto, salienta-se que este estudo é uma revisão narrativa da literatura, de forma que as fontes consultadas representam apenas uma parcela dos autores que abordam a temática e não considera ou busca mensurar aspectos quantitativos da relação design-artisanato. Por fim, ressalta-se que o presente estudo foi confeccionado com base em estudos que analisam a relação design-artisanato a partir da ótica do design, e muitas vezes do ponto de vista dos designers. Torna-se relevante o desenvolvimento de estudos futuros que aprofundem na questão, incluindo uma análise da perspectiva dos artesãos, para então desenvolver diretrizes mais claras para a orientação da atuação de designers em comunidades artesanais.

Referências

- ARTESOL. Disponível em: < <http://artesol.org.br/> Acesso em 25 de junho de 2017.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DESIGNERS DE INTERIORES. 2016. *Código de Ética*. Disponível em: <http://www.abd.org.br/novo/f01/docs/codigo-de-etica/2016%20-%20Codigo%20de%20Etica%20VF.PDF>. Acesso em: Junho, 2017.
- ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS GRÁFICOS. 2014. *Código de Ética Profissional do Designer Gráfico*. Disponível em: http://www.adg.org.br/v1/wp-content/uploads/2014/06/ADGBrasil_CodigoEtica.pdf. Acesso em: Junho, 2017.
- ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS DE PRODUTO. 2004. *Código de Ética Profissional do Designer de Produto*. Disponível em: http://turmadod.com/alunos/downloads/4s2010_2/etica_legislacao/Codigo_de_Etica_Design_Produto.pdf. Acesso em: Junho, 2017.
- BOFF, Leonardo. 1999. *Saber cuidar: ética do humano*. Petrópolis: vozes.
- CARLI, Ana Mery Sehbe de. et al. 2011. Design e artesanato: novidade e tradição, um diálogo possível. *Redige*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 430 – 440.
- DANTAS, Leiliam Cruz; GUIMARÃES, Luiz Eduardo Cid.; ALMEIDA, Juliana Donato de. 2009. Produção artesanal, design participativo e economia solidária: a experiência

- do grupo mulheres da terra, Pilões-Pb. In: XXIX Encontro Nacional de Engenharia de Produção. *A Engenharia de Produção e o Desenvolvimento Sustentável: Integrando Tecnologia e Gestão*. Salvador: Enegep, p. 1-13.
- DEVON, Richard; POEL, Ibo Van de. 2004. Design ethics: the social ethics paradigm. *Templus Publication*, Inglaterra, v. 20, n. 3, Printed in Great Britain, p. 461-469.
- EGUCHI, Haroldo Coltri; PINHEIRO, Olympio José. 2008. Design versus artesanato: identidades e contrastes. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. 8, 2008, São Paulo, *Anais Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil*. São Paulo.
- PROGRAMA MINAS RAÍZES. Disponível em: <<http://programaminasraizes.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 25 de junho de 2017.
- FRANÇA, Rosa Alice. 2005. Design e artesanato: uma proposta social. *Revista Design em Foco*. Bahia, v. 2, n. 2, p. 9-14.
- FREITAS, Ana Luiza Cerqueira. 2017. *Design e artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto*. 2. ed. São Paulo: Blucher.
- GOMES, Luiz Vidal; MEDEIROS, Ligia Sampaio de; BROD JUNIOR, Marcos. 2016. Desenho industrial design: profissão fecunda, ofício inventivo, atividade criativa. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2016, Belo Horizonte. *Bulcher Design Proceedings*, p. 2813 - 2822.
- KRUCKEN, Lia. 2009. *Design e território: valorização de identidade e produtos locais*. São Paulo: Studio Nobel.
- KRUCKEN, Lia. MORAES, Dijon de (Org). 2008. *Cadernos de estudo avançados em design: design e transversalidade*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Teoria, Cultura e Pesquisa em Design. Caderno 2, v. 1, UEMG.
- LIMA, Marcela Fonseca; OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de. 2016. Artesanato e design: relações delicadas. *Blucher Design Proceedings*, Belo Horizonte, n. 2, v. 9, p. 5164-5174.
- LYNCH, William T.; KLINE, Ronald. 2000. *Engineering Practice and Engineering Ethics*. Science, Technology, & Human Values, v. 25, n. 2, Spring, p. 195-225.
- MANZINI, Ezio. 2008. *Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais*. Rio de Janeiro: E-papers.
- NEVES, Nedy Maria Branco Cerqueira. 2008. Códigos de conduta: abordagem histórica da sistematização do pensar ético. *Revista Bioética*, Brasília, n. 16, v. 1, p. 109-115.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. 1997. International Trade Centre (Org). In: *International symposium on crafts and the international market: trade and customs codification*. Manila, Philippines. Final Report.

- PERDIGÃO, Antônia Cristina. 2003. A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: os pressupostos filosóficos. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 4, n. XXI, p. 485-497.
- PRESTES, M. G., FIGUEIREDO, L. F. G. 2011. Novas perspectivas para o design: designers como agentes de desenvolvimento local. *Design & Tecnologia*, Rio Grande do Sul, n. 3, p. 38-45.
- RIOS, Igor G. T, et al. 2010. Projeto Minas Raízes - Artesanato, Cultura e Design: Capacitação de Artesãos em Nova Lima - MG. *9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Paulo.
- ROMEIRO, Eduardo Filho. 2013. Design and craftsmanship: the brazilian experience. *Design Issues*, Massachusetts, n. 3, v. 29, p. 64-74.
- SANDRONI, Paulo. 1999. Dicionário de economia do século XXI. Record.
- SANTANA, Maíra Fontenele. 2012. Design e artesanato: fragilidades de uma aproximação. *Cadernos Gestão Social*, Bahia, n. 1, v. 4, p. 103-115.
- WORD DESIGN ORGANIZATION. Desenvolvido por Expression Web Solutions. *Definição de Design Industrial*. Disponível em: <<http://wdo.org/about/definition/>>. Acesso em 26 out. 2017.